REVISTA CORDIS

ARQUEOLOGIA, BÍBLIA E ENSINO: CONEXÕES ENTRE TEXTOS, VESTÍGIOS E NARRATIVAS

ARCHAEOLOGY, THE BIBLE AND TEACHING: CONNECTIONS BETWEEN TEXTS, VESTIGES AND NARRATIVES

Yasmin Freitas [1]
Isla Andrade Pereira de Matos [2]

RESUMO: Este artigo propõe um diálogo entre o texto bíblico, os vestígios arqueológicos e diferentes narrativas da história (tradicional e bíblica). Busca-se demonstrar aproximações entre conceitos fundamentais da Arqueologia e a Sagrada Escritura. Discute as contribuições da Bíblia para a compreensão e o ensino de conceitos arqueológicos. Analisa-se, por fim, as contribuições da Arqueologia para a interpretação dos textos e das narrativas bíblicas.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia; Arqueologia; História; Educação Patrimonial; Cosmovisão Cristã.

ABSTRACT: This article proposes a dialogue between the biblical text, archaeological remains, and various historical narratives (traditional and biblical). It seeks to demonstrate connections between fundamental concepts in archaeology and Sacred Scripture, and to discuss the Bible's contributions to understanding and teaching concepts related to Archeology. Finally, it analyzes the contributions of archaeology to the interpretation of biblical texts and narratives.

KEYWORDS: Bible; Archaeology; History; Heritage Education; Christian Worldview.

10.23925/2176-4174.38.2026e77581

Recebido em: 29/08/2026.

Aprovado em: 17/09/2026.

Publicado em: 23/09/2026.

[1] Mestranda em Educação Clássica pela Southeastern University. Southeastern University. Orcid: https://orcid.org/0009-0002-3235-1190 E-mail: yasminffreitas31@gmail.com
[2] Doutorado em Educação (PUC-Campinas). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3125-2142 E-mail: isla.ap.matos@gmail.com

Introdução

A palavra "Bíblia" vem do grego *"biblios"* que significa "livros". Sua constituição passa por 66 livros, cerca de 40 autores, séculos de produção e uma variada gama de gêneros literários, como narrativa histórica, poesia, cânticos, leis, parábolas, epístolas, profecias, provérbios e tantos outros. Seu conteúdo perpassa importantes acontecimentos históricos, como o surgimento de cidades mesopotâmicas, como a suméria Ur, de onde se origina o patriarca Abraão; o desenvolvimento agrícola do Egito Antigo ao longo do Antigo Testamento; a ascensão de reis da Antiguidade, como o persa Xerxes, do livro de Ester, e Nabucodonosor, do livro de Daniel; a reconstrução do Templo de Salomão nos dias de Esdras e suas reformas a pedido do rei Herodes, o Grande. A Bíblia também se localiza na História, pois registra o período temporal de uma série de acontecimentos, como os períodos de festas dos israelitas (Levítico 23; Números 28-29), a época da realização do censo demográfico (2 Samuel 24; 1 Crônicas 21), início e fim de governos dos reis israelitas (1 Samuel; Reis e Crônicas), além da citação de personagens históricos ao longo do Novo Testamento, como o imperador romano Tibério (Lucas 3:1) dos tempos de Jesus (século I). Ela registra, ainda, todo um arcabouço ético-moral ocidental, determinando o bem e o mal, o certo e o errado, e tornou-se fundamento filosófico, como é o caso do iluminismo de direita.

A Bíblia é, para aqueles que creem, o livro das palavras de Deus e, portanto, a própria Palavra de Deus, as Escrituras Sagradas. Entretanto, para além de teologia e crença religiosa, é inegável sua importância histórica e literária. Assim, não por acaso, com o desenvolvimento das ciências modernas de meados do século XIX, uma área do conhecimento se desenvolveu com o propósito de compreender a história da humanidade a partir dos vestígios materiais, dos objetos que foram deixados no solo pelas civilizações passadas. Temos, então, o surgimento da Arqueologia enquanto ciência. A principal técnica de pesquisa do arqueólogo é a escavação arqueológica, dividindo o terreno em quadrículas para saber exatamente onde cada objeto foi encontrado e em que camada do solo, se mais superficial ou mais profunda. A essa divisão do solo em diferentes camadas, da mais profunda à mais superficial, chamamos estratigrafia (NICHOLS, 2009).

A Arqueologia Bíblica, assim como a Arqueologia convencional, consiste em muita pesquisa em bibliotecas e diversos documentos históricos, buscando o auxílio

de outras ciências, como a História, por exemplo. Sua principal diferença reside na correlação dos artefatos arqueológicos com o contexto bíblico: após os objetos arqueológicos serem conhecidos e interpretados pelo pesquisador, tem-se uma melhor compreensão do relato bíblico pela relação da história do objeto e de seu contexto de produção com as histórias bíblicas. Assim, parte-se da cultura material, dos vestígios arqueológicos, cruzando-os com a Bíblia (Price; House, 2020).

Nesta seara, então, podemos estabelecer três diálogos possíveis na interseção entre Bíblia, História e Arqueologia, os quais serão problematizados ao longo do presente texto: 1) a compreensão de conceitos fundamentais da Arqueologia pela leitura das narrativas bíblicas; 2) uma melhor interpretação dos textos bíblicos a partir das descobertas da Arqueologia Bíblica; e 3) uma outra concepção de História, diferente da historiografia tradicional, alinhada com a narrativa do Gênesis e com as pesquisas arqueológicas.

No que se refere à metodologia, há duas vertentes: a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e caráter exploratório, e a empírica, decorrente da análise dos objetos musealizados. Seu objetivo é investigar, a partir da literatura arqueológica, histórica, educacional e bíblica, as relações entre a Bíblia e os conceitos arqueológicos, entre a Bíblia e os vestígios arqueológicos, e entre a Bíblia e a historiografia tradicional.

Os conceitos arqueológicos selecionados foram escolhidos com base em dois critérios principais: sua recorrência em contextos de Educação Patrimonial e sua presença nas narrativas interpretativas desenvolvidas pelo Instituto Bíblico de Arqueologia (IBArq) e na visitação do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB). Em seguida, foram identificados textos bíblicos que apresentassem práticas, objetos ou processos passíveis de diálogo com esses conceitos. A análise consistiu na comparação entre as definições presentes na literatura arqueológica e os elementos narrativos encontrados nas Escrituras, buscando identificar aproximações conceituais que pudessem servir como recurso pedagógico.

Acerca da relação entre a Bíblia e os vestígios arqueológicos, foram selecionados dois artefatos do MAB que melhor representam a relação direta com o texto bíblico, demonstrando de que maneira a compreensão do texto pode ser esclarecida com base no conhecimento do objeto.

Por fim, ao tratar da relação entre a Bíblia e a historiografia tradicional, o tema escolhido foi o dilúvio de Noé, pois os assuntos que permeiam este acontecimento são claramente distintos e em oposição à narrativa tradicional da historiografia, facilitando a exemplificação deste diálogo.

Conceitos da Arqueologia apresentados nas narrativas bíblicas

A Arqueologia deriva do grego arkhé, que significa "antes, o que veio primeiro, velho", e logos, que significa "tratado, estudo". O foco do estudo são os vestígios deixados pelos homens, incluindo bens culturais materiais e imateriais, que nos ajudam a compreender o homem em um determinado tempo e espaço. Ao investigar o ser humano, busca-se compreender e desvendar os costumes, hábitos, comportamentos, estrutura social e aspectos culturais da sociedade que existiu.

A complexidade da arqueologia e seus conceitos pode afastar aquele que busca entender um pouco sobre essa ciência. Além das visões mistificadas sobre a arqueologia, incentivadas por produções culturais, deparamo-nos com a necessidade de tornar o conhecimento acessível, sem comprometer a integridade e a profundidade dos conceitos escolhidos.

O contexto desta análise é o museu IBArq - Instituto Bíblico de Arqueologia, localizado no bairro Campo Belo, no município de São Paulo. De acordo com o site da instituição, “O Instituto Bíblico de Arqueologia – IBArq – tem por missão resgatar, promover, incentivar e aprofundar o estudo da Bíblia em seu contexto histórico-cultural por meio da exposição de réplicas de artefatos arqueológicos, mapas ilustrativos e outros recursos visuais”[3]. Portanto, o museu está vinculado ao estudo da Bíblia, com o objetivo de enriquecer tanto os estudos bíblicos quanto os de Arqueologia. Assim, o propósito desta reflexão é instruir e oferecer oportunidades de aprendizado em que um instrutor possa utilizar a Bíblia para explicar os princípios da Arqueologia. Pois, como salientaram Da Silva e Xavier (2012), o museu deve se esforçar para dialogar com a comunidade em que está inserido e ir além de conhecimento apenas técnico, mas também tornar tal conhecimento mais acessível para o público.

[3] Texto retirado da página inicial. Disponível em: O INSTITUTO | IBArq. (s.d.). O INSTITUTO | IBArq. Ibarq. https://www.ibarq.org.br/ - checa se já não consta essa referência nas referências e daí pode excluir essa nota. Basta manter essa referência no final.

Apesar da ampla utilização da Bíblia em áreas como História, Filosofia e Educação, ainda são escassos os estudos que exploram seu potencial como recurso pedagógico para o ensino de conceitos arqueológicos. E essa lacuna motiva a presente investigação. Nesse contexto, o estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: de que maneira as narrativas bíblicas podem ser utilizadas como recurso pedagógico para o ensino introdutório de conceitos arqueológicos em contextos de educação patrimonial?

Apesar de a Bíblia não abordar explicitamente conceitos arqueológicos, pois é uma ciência relativamente nova em comparação com o tempo de existência do texto bíblico, suas narrativas abordam aspectos fundamentais da arqueologia. Ideias como a de preservação aparecem nas narrativas bíblicas: a arca da Aliança guardava as dez tábuas, um vaso com o maná e a vara de Arão (Êxodo 25:16, 21; Números 17:1-10; Deuteronômio 10:1-5). Assim como Fisher (2018), a arca não se limitava apenas à compreensão da presença de Deus, mas também da memória e da história. A arca está diretamente ligada à memória, pois “a arca tornou-se um local fundamental no processo de construção da memória” (FISHER, 2018, p. 170).

Conceito de artefato

O conceito de artefato é amplo. Um conceito revisitado por vários estudiosos, que procuram trazer uma especificidade maior ou ampliação maior. As diversas tentativas de definição do artefato nos levaram a uma visão completa do artefato e sua concepção. De acordo com Rabardel,

> Um artefato não é um instrumento acabado, a ferramenta só existe no ciclo operacional, já afirmava Leroi-Gourhan (1965). O artefato carece ainda de fazer parte de usos, ou seja, atividades em que constitua um meio implementado para atingir os objetivos definidos pelo utilizador. No entanto, esses usos, mesmo que sejam parcialmente antecipados pelos projetistas do artefato, na maioria das vezes e às vezes excedem consideravelmente essas antecipações. A elaboração, a produção de usos continuam além da concepção inicial como produção, privada, mas também social. (1995, p. 93-94)

Outra definição é encontrada em Chiarotti (2005), focada na capacidade do artefato, em sua adequação determinada por uma necessidade ou pelo seu uso. Apesar de evidenciar o objetivo da produção, também levantou a possibilidade de uma

alteração da função, dependendo do surgimento de novas necessidades. O artefato não só existe em um plano material, mas das ideias. Carregado por vezes de significado, possui um sentido simbólico e alegórico. Como bem definiu Rosalba Lopes de Oliveira:

> No estudo das civilizações antigas, nos deparamos com objetos que representam valores simbólicos criados pelo homem num determinado espaço e tempo da história, e que, portanto, são dotados de significados dentro de um contexto cultural e social. Esses objetos são denominados de artefatos (2017, p. 72).

Outra definição interessante é a proposta por Funari, que mostra que os artefatos não são apenas uma espécie de "luz vermelha" no desenvolvimento humano, mas são protagonistas nas atividades humanas."Artefatos, por outro lado, não é apenas um indicador de relações sociais, mas, enquanto parte da cultura material, atua como direcionador e mediador das atividades humanas" (2003, p. 33).

A arqueóloga Monika Stobiecka oferece uma perspectiva intrigante em seu trabalho recente,*Theorizing Archaeological Museum Studies* (2023). Ela propõe uma redefinição do conceito de artefato, considerando que sua característica essencial não era apenas ter sido criado por humanos, mas sim ter sido descartado por eles e, a partir daí, ficar sujeito a agentes não humanos, como processos naturais. A visão de Stobiescka representa uma maneira de interpretar a relação com a Bíblia, uma vez que ela abriga inúmeras histórias de destruição, abandono, perda e deposição ritual de objetos.

D'Ambrósio adicionou a importante informação da continuidade do artefato por meio da transmissão. O artefato para alcançar o presente, deve permanecer ao longo dos anos. Sendo assim, D'Ambrósio define o artefato como "manifestações concretas da criatividade humana, transmissíveis de indivíduo para indivíduo através de contato direto ou remoto" (1996, p. 140).

O artefato e a Bíblia

As pedras memoriais. A "coluna", "pilar" ou "estela" feita por um conjunto de pedras empilhadas, era um monumento comum na Antiguidade. A prática se apresenta em vários povos durante a Antiguidade, na era tardia do Bronze e do ferro,

como apresentados por Bechar (2018) em Hazor. Mettinger nos mostra que a prática de levantar pedras poderia ter duas funções: *cultic stelae* e pedra memorial (p. 32, 1995). Como Bechar salientou sobre “Mettinger sugeriu que a função memorial da pedra ereta pode se desenvolver, com o tempo, em uma função de culto. Um exemplo geral desse fenômeno é a divinização de ancestrais falecidos — e, portanto, as pedras eretas que foram usadas em memória dos ancestrais posteriormente representam a divindade” (tradução nossa, p. 37).

A prática é retratada na Bíblia algumas vezes. Vejamos três situações que encontramos essa prática. A primeira está retratada no livro de Gênesis 28: 10-19. Jacó havia saído de Berseba e estava indo em direção a Harã. No caminho, ele parou para descansar e adormeceu. Teve um sonho. O sonho mostrava anjos e o Senhor acima da escada em pé. Deus lhe faz uma promessa. Jacó se enche de temor pela presença de Deus no lugar. Para se lembrar, ele produz um monumento e dá nome ao lugar.

> Levantando-se de madrugada, tomou a pedra que lhe servira de travesseiro, ergueu-a como uma estela e derramou óleo sobre o topo. A este lugar deu o nome de Betel, mas anteriormente a cidade se chamava Luza (Gn 28:18-19).

A segunda vez está em Josué 4:1-8. Muitos conhecem esse episódio como o Memorial das Doze Pedras. No episódio retratado no texto, o povo de Israel atravessa o rio Jordão e Deus fala para Josué tomar doze pedras do meio do rio. Posteriormente, essas pedras seriam usadas para a construção de um monumento. O texto de Josué adiciona a necessidade da transmissão; as pessoas devem conhecer não apenas o monumento, mas também seu significado. É necessário que as pessoas que viveram aquele ocorrido passem aos seus filhos e os filhos para os filhos, criando uma cadeia de transmissão, perpetuando o monumento e seu significado na memória coletiva. Como podemos observar no excerto abaixo:

> para que seja um sinal no meio de vós. Quando amanhã vossos filhos vos perguntarem: Que significam para vós estas pedras?, então lhes direis: “É que as águas do Jordão dividiram-se diante da Arca da Aliança de Iahweh; à sua passagem fundiram-se as águas de Israel” (Js 4: 6-7).

A terceira recorrência da prática é apresentada no primeiro livro do profeta Samuel, no capítulo 7 e versículos 7 ao 13. O povo de Israel estava sendo ameaçado e o ataque por parte dos filisteus era iminente. O profeta intercede a Deus, pedindo-lhe socorro, e Deus destrói os filisteus.

> Então Samuel tomou uma pedra e a colocou em Masfa e Sen, e lhe deu o nome de Ebenezer, dizendo: Até aqui Iahweh nos socorreu". Assim, foram os filisteus dominados, e nunca mais voltaram ao território de Israel, porque a mão de Iahweh pesou sobre os filisteus enquanto viveu Samuel (1Sm 7:12-13).

Nos exemplos apresentados, as pedras memoriais possuem características interessantes. A primeira é que a "coluna" está ligada a algum fato histórico ou a uma ocorrência relevante. A segunda é que o "pilar" não possui apenas uma dimensão material, mas uma dimensão simbólica. Representavam a fidelidade, o amor, o cuidado de Deus, por exemplo. A terceira é que existe uma clara distinção entre a pedra e as pedras memoriais. A disposição das pedras, empilhadas de uma forma organizada, era uma evidência de uma produção antrópica; não era natural. Não foi feita pela natureza, foi feita pelo homem e, para o homem, revestindo-se de uma função mnemônica.

Tabela 1 - Quadro de relações entre as pedras memoriais e os conceitos de artefato.

Pedras Memoriais	**Artefato**
Feito pelo homem, utilizando pedras, para fazê-lo lembrar do evento;	Objeto feito pelo homem e para o homem como uma função (CHIAROTTI, 2005) ;
Tem uma função de marcar o evento e depois uma função mnemônica;	Função alterável (RABARDEL, 1995);
Simboliza o cuidado de Deus, seus atributos para os homens;	Tem valor simbólico em um contexto social (OLIVEIRA, 2017, p. 72);
Representava as relações entre os homens e Deus, uma relação que está no cerne dos	Direcionador e mediador de atividades humanas (FUNARI, 2003, p. 33) ;

eventos; A dinâmica e expressividade de Deus para o homem e a percepção do homem e sua influência revisitada nas pedras;	
No caso do texto de Josué, vemos a ênfase na transmissão. A necessidade de informar as gerações sobre o evento e o significado das pedras empilhadas.	Transmissíveis por contato direto ou remoto (D'AMBRÓSIO, 1996, p. 140).

Fonte: Autor (2023).

A tabela apresenta a conexão entre os conceitos extraídos dos textos bíblicos e os conceitos mencionados no início. Os textos bíblicos fornecidos nem sempre farão alusão direta aos conceitos, mas é necessário entender e interpretar o texto. É importante destacar que não se trata, aqui, de uma exegese, mas de possíveis interpretações e relações com conceitos da Arqueologia, cujas aproximações são de cunho pedagógico.

A preservação

A Arqueologia continua a enfatizar a importância de entender os impactos, as formas e os objetivos da preservação, conforme exemplificado por Netto (2008). Preservar é conhecer o patrimônio, estabelecer políticas, métodos e processos preventivos e manter a herança dos antepassados, gerir o uso atual desses bens e legá-los qualitativa e quantitativamente para as próximas gerações. A quantidade e qualidade são alvos na preservação. A quantidade está ligada ao número de artefatos, à diversidade, à ordem e grandeza deles. A qualidade está ligada à própria estrutura, à tipologia do artefato, que por vezes terá que passar por diversos processos para diminuir os efeitos de degradação, oxidação e outros. Mas como esses conceitos podem estar relacionados com a Bíblia? Para responder a essa questão, é necessário retomar algumas questões.

A Bíblia conta a história dos hebreus, israelitas e judeus. Houve um período da história hebraica em que o povo, a mando de Deus, produziu um tabernáculo. O tabernáculo era uma tenda montável repleta de detalhes e símbolos. A estrutura do

tabernáculo era complexa e “o tabernáculo era o ponto de referência e o centro de todas as atividades realizadas pela comunidade” (CARVALHO DE e COSTA, p. 114, 2019).

Além da complexidade na estrutura, diversas práticas envolviam o tabernáculo. Objetos foram confeccionados para serem utilizados nessas práticas; as instruções foram dadas a Moisés pelo próprio Deus:

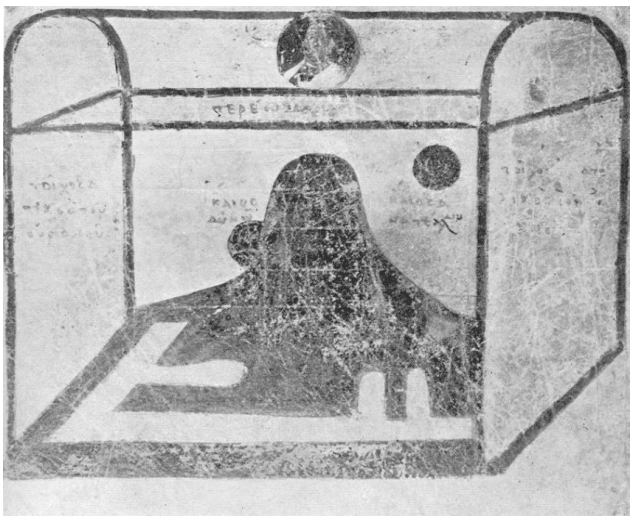
> Far-lhe-ás, também recipientes para recolher a gordura incinerada; e pás, bacias de aspersão, garfos e brasileiros; farás todos esses acessórios de bronze. Far-lhe-ás também grelhas de bronze, em forma de rede, e farás quatro argolas de bronze nos quatro cantos da grelha, e as porás sob o rebordo do altar, embaixo, de maneira que ela chegue até o meio do altar (Êx 27: 4-5).

Também, Deus separou uma tribo, os levitas, dentre o povo de Israel. Eles eram responsáveis por manter, preservar, montar e desmontar o tabernáculo.

> Falou, pois, Iahweh a Moisés e disse: “Não registrareis, contudo a tribo de Levi e não a recenseareis no meio dos filhos de Israel. Mas estabelece, tu mesmo, os levitas para o serviço da Habitação do Testemunho, de todos os seus utensílios e de tudo o que lhe pertence. Eles transportam a Habitação e todos os seus utensílios, exercerão nela seu ministério e acamparão ao redor da Habitação (Nm 1:48-50).

Os levitas eram consagrados por Deus, separados. Possuíam um ofício perante o povo e perante Deus. O conceito de preservação e de artefato se unem na passagem acima. Sabemos que o tabernáculo era a combinação entre o mundo sensível e o mundo palpável. Não apenas existia em uma dimensão física, mas também simbólica, carregada de signos e ícones, codificados no cerne da comunidade hebraica. O levita atua como um guardião da cultura material e imaterial, um agente perpetuador do memorial para as próximas gerações.

Figura 1- Cosme Indicopleustes: O universo e o tabernáculo



Fonte: INDICOPLEUSTES (2024).

Desde o princípio dos tempos, dos gregos (PHILIPS, 1978) aos vitorianos (BRATTON, 2015), temos observado que o ensino das crianças, por exemplo, tem sido regado por histórias, narrativas e contos. Quando pais, em casa, tentam explicar conceitos abstratos como amor, morte e bondade, eles usam histórias. Platão (2006) recorreu a um mito egípcio para evidenciar a relevância da memória.

A Bíblia é um texto riquíssimo em história que nos ensina sobre diversos aspectos da vida humana. Para um professor que conhece o texto bíblico, a Bíblia se revela como aliada na educação, pois é capaz de apresentar conceitos abstratos e, por vezes, complexos de forma simples e didática. Como vemos nas parábolas, Bugiulescu (2022) afirma que a parábola é uma narrativa que expressa uma verdade. A parábola, por meio de analogias vindas do cotidiano e da natureza, revela uma realidade metafísica. Essa é a grande diferença entre a fábula e a parábola, pois a fábula retrata abstratos, enquanto a parábola utiliza-se de fatos reais da vida humana.

A grande questão é que, embora os conceitos analisados no artigo sejam distintos, eles convergem para um aspecto comum: a preservação e transmissão da memória coletiva. Desta forma, encontramos a memória como um elemento articulador entre artefato, preservação e educação patrimonial, permitindo compreender por que as narrativas bíblicas oferecem um terreno fértil para a mediação desses conceitos arqueológicos.

A Bíblia e a Educação Patrimonial

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) produziu o Guia Básico de Educação Patrimonial[4], no qual o conceito de Educação Patrimonial é definido como

> [...] um processo **permanente** e **sistemático** de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como **fonte primária** de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da **experiência** e do **contato direto** com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de **conhecimento**, **apropriação** e **valorização** de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num **processo** contínuo de **criação cultural** (HORTA e col., p. 4, 1999).

A partir do conceito oferecido, é possível criar paralelos com a Bíblia, a base deste estudo, cujo intuito é o enriquecimento do ensino. A Educação Patrimonial deve ser constante e organizada: constante porque reflete seu conteúdo, e organizada porque traz ao homem a possibilidade de estudar, investigar e analisar o seu objeto de pesquisa. A cultura é dinâmica e está em constante mudança, sendo afetada por diversos fatores internos e externos, moldando as narrativas e mentalidades de um período. Assim também, ao ensinarmos sobre o patrimônio cultural, buscamos resgatar essa dinamicidade e profundidade sem limitar a perspectiva do aluno. A constância pode estar relacionada a duas abordagens: a constância do ensino e a constância do objeto. A constância do ensino refere-se ao tempo gasto para apresentar o objeto do estudo, sua frequência. O retorno ao tema, as diversas formas de abordá-lo intencionalmente na sala de aula. Nas Escrituras Sagradas, o ensino das histórias, tradições e patrimônio cultural são centrais para a perpetuação da relação do povo escolhido para com Deus. Conhecer os eventos históricos, os monumentos, os artefatos, os personagens e as tradições são a base na educação bíblica.

[4] HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

> Que estas palavras, que hoje te ordeno, estejam em teu coração! Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé. Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos; tu as escreverás nos umbrais da tua casa e nas tuas portas (Deuteronômio 6:6-8).

O texto de Deuteronômio 6 tem gerado muitas pesquisas, principalmente ligadas aos conceitos de ensino e memória. O texto abre precedentes para os diversos significados e níveis do ensino israelita em que a constância, a repetição e a memória possuem papéis cruciais na educação. Aquele que é ensinado torna-se sujeito da memória, podendo ter efeitos internos e externos. A reflexão, a recordação dos eventos gera consequências internas que podem vir a se tornar externas quando são recitadas. O objetivo não é apenas recordar a si mesmo, mas também recordar o outro. A transmissão adquire um aspecto coletivo. A memória é construída pela comunidade, pela pessoa, considerando o período, o acontecimento e a pessoa. Esse processo é fundamental para a constituição da identidade, um dos focos da Educação Patrimonial, que busca a apropriação dos bens culturais materiais e imateriais.

Assim, da mesma forma como este campo específico da educação depende de uma relação intrínseca entre o sujeito e o objeto por meio da identificação de um ao outro, a compreensão do texto bíblico também passa pela sua relação com o objeto, cujo efeito é o entendimento aprofundado do texto e de seu contexto.

A Arqueologia Bíblica e a compreensão do texto: análise de objetos[5] do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB)

A Arqueologia Bíblica, a partir do conhecimento dos vestígios arqueológicos, auxilia na compreensão do texto bíblico e de seu contexto (SILVA, s/d). Assim, para demonstrar como isso acontece na prática, foram selecionados dois objetos que

[5] A análise dos objetos realizada nesta seção do texto teve como fundamento a divulgação científica e mediação museológica realizada pelo Setor Educativo do MAB em visitas ao acervo no ano de 2025.

integram a exposição de longa duração “Relíquias do Passado", do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB)[6]: os odres velhos e o sepulcro.

Marcos 2:22 traz o seguinte ensinamento de Jesus aos seus discípulos: “E ninguém deita vinho novo em odres velhos; doutra sorte, o vinho novo rompe os odres e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; o vinho novo deve ser deitado em odres novos”.

Para que esta passagem seja compreendida, é necessário, em primeiro lugar, conhecer o que vem a ser um odre. De acordo com o dicionário Aulete Digital, trata-se de um “saco de pele ou couro de animal, usado para guardar ou transportar líquidos”. E, em segundo lugar, é preciso compreender que a produção do vinho envolve a etapa fundamental da fermentação, que é justamente o processo pelo qual o mosto (suco produzido pelo esmagamento das uvas) se transforma em vinho (EVINO, 2026). Durante esta etapa, ocorre a liberação de gases, os quais decorrem da conversão dos açúcares naturais do mosto em álcool etílico e dióxido de carbono (CO_2).

O MAB tem um exemplar de um odre que faz parte de sua exposição de longa duração, e ouvir o texto bíblico com os olhos fitos no artefato, cria um deslumbramento e um despertar ao abrir os olhos do visitante para a compreensão do texto bíblico, conforme o que se segue.

Figura 2 - Odre velho (MAB).



[6] O Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo (MAB UNASP) localiza-se dentro do campus universitário no município de Engenheiro Coelho.

Fonte: Evolução Criacionista, 2026.

O couro animal, quando novo, possui todas as características necessárias aos seus diversos usos, como na produção de instrumentos musicais de percussão, e mesmo para a confecção do odre, dada a sua elasticidade. E é justamente esta qualidade do couro o elemento indispensável para a produção de um odre: o mosto, ao se transformar em vinho, cria bolhas que, invariavelmente, farão o odre se expandir. Ao se deitar vinho novo em odres velhos, qual é a característica mais marcante de um couro velho? Seu ressecamento e, consequentemente, a perda de sua maleabilidade. Ao receber um mosto que passará pelo processo de fermentação com a liberação de gases, a consequência direta é o rompimento do couro, perdendo-se a embalagem e o seu conteúdo.

Deste modo, observando o artefato e analisando suas características a partir de uma descrição detalhada, constata-se que um odre diz respeito ao couro de um animal, pois é possível identificar, pela sua forma, o tronco com suas pernas (que estão amarradas onde antes estavam as patas); o pescoço, também amarrado, pois a cabeça fora retirada; e o seu aspecto ressequido, impossibilitado de receber um vinho novo.

Assim, a partir da observação e análise do artefato, é possível compreender melhor o texto bíblico e seu contexto a partir da união entre Arqueologia e a Bíblia. Vejamos como o texto bíblico se torna muito mais claro a partir da experiência com mais um objeto.

O Evangelho de Lucas diz o seguinte: “A outro disse Jesus: Segue-me! Ele, porém, respondeu: "Permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Mas Jesus insistiu: "Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus” (Lucas 9:59-60).

Este trecho é rapidamente compreendido como uma atitude impiedosa de Jesus, que não teria deixado seu futuro seguidor enterrar seu parente antes de deixar sua família para caminhar com o mestre. Sem visualizar o sepulcro (figura 3), a leitura isolada do texto dá a entender que o pai estaria sendo velado pela família e seu filho estaria sendo impedido por Jesus de finalizar o enterro do pai. Porém, a história é bem diferente.

O MAB possui uma réplica de um sepulcro dos tempos de Jesus, localizado no primeiro século da era cristã. Há duas passagens na Bíblia que descrevem o ritual de enterramento e o local onde os corpos eram depositados (figura 4): o caso de Lázaro e o de Jesus.

O Evangelho de João relata que Lázaro, de Betânia, era um grande amigo de Jesus. Quando veio a falecer, Jesus passou por grande sofrimento, chorando sua morte. O evangelista descreve o local onde o corpo de Lázaro havia sido colocado após ter sido preparado, envolto em panos e perfumes: uma gruta cuja entrada havia sido fechada por uma pedra. No episódio em que Jesus ressuscitou seu amigo, a pedra é retirada da abertura, permitindo o acesso ao local (João 11:39-45).

A mesma descrição é relatada nos evangelhos a respeito da morte de Jesus. Um homem chamado José de Arimateia é autorizado por Pilatos a resgatar o corpo de Jesus e prepará-lo para o enterro. Ele adquire um local que nunca havia sido utilizado e o oferece para o corpo de Jesus repousar. A Bíblia relata que as mulheres, deslocando-se para o túmulo para chorar a morte de Jesus, encontram-no aberto, com a pedra revolvida e os lençóis que estavam envoltos em seu corpo (João 19:38-42 e 20:1-5).

Figura 3 - Interior do sepulcro (MAB).



Fonte: Página de oliveira2020_ferreira no Instagram[7].

[7] Disponível em: https://www.instagram.com/p/DB4VIY7P6-n/?img_index=4. Acesso em: 25 ago. 2026.

Figura 4 - Entrada do sepulcro (MAB).



Fonte: Página de mab.unasp no Instagram[8].

No interior da gruta de sepultamento (figura 3), é possível observar uma abertura superior, local onde os corpos eram depositados após terem sido preparados conforme os ritos judeus da época. Logo abaixo, notam-se outras duas aberturas, semelhantes entre si, reservadas para os ossuários da família.

De acordo com a tradição (RELIGIOUS STUDIES CENTER, 2026), os mortos eram colocados na cavidade superior do sepulcro, onde permaneciam por cerca de um ano. Após esse período, eram retirados de lá e seus ossos transportados para a caixa que permanecia nas aberturas inferiores, que mantinha os ossos dos membros da família. A esta ação era dado o nome de sepultamento, ou seja, o ato de recolher os ossos e guardá-los no ossuário. Assim, no episódio vivido por Jesus com o futuro seguidor que pede que, antes de segui-lo, sepulte o seu pai, podemos inferir que o pai já poderia ter falecido, mas não havia dado o período suficiente para a retirada dos ossos, revelando, assim, apenas um desejo daquele homem: o de permanecer no seio da família e não seguir Jesus no momento em que Ele o chama. Assim, Jesus não o está impedindo de se despedir de seus familiares. Apenas está chamando-o para viver uma vida ao seu lado. Mas ele não aceita e prefere viver a seu próprio modo.

[8] Disponível em: https://www.instagram.com/p/DIRObkFuLOA/?img_index=7. Acesso em: 25 ago. 2026.

Bíblia e História: a força da cosmovisão na compreensão dos eventos históricos

A Bíblia, como fonte literária e documento histórico que perpassa diferentes civilizações e séculos de história, traz em si um *telos*, um sentido de causa e finalidade para a vida e para o indivíduo. Perguntas filosóficas sobre a origem e o propósito da existência do homem, porque o mundo é como é e o que acontece depois da morte encontram respostas no campo da fé, pois envolvem a compreensão de uma divindade, de um ser transcendental poderoso que tudo governa. Por outro lado, com o surgimento da ciência moderna, sendo a Arqueologia uma de suas representantes, e, mais especificamente, a Arqueologia Bíblica, histórias que eram interpretadas por incrédulos como mitos passaram a ser alvo de pesquisa científica, movimentando toda uma comunidade de pesquisadores que buscavam vestígios comprobatórios da veracidade das Escrituras.

Entretanto, não parece ser suficiente a comprovação científica do relato bíblico se esta não estiver acompanhada de uma visão de mundo que corrobore com tal interpretação. Vejamos como isso se deu na prática com um conhecido artefato arqueológico que levantou o debate acerca do dilúvio global relatado no livro bíblico de Gênesis, entre os capítulos 6 e 9: a Tabuleta do Dilúvio.

A grande questão é de onde o pesquisador está partindo, qual é o seu arcabouço teórico, seus fundamentos filosóficos e sua visão de mundo, o que também pode ser compreendido como cosmovisão[9]: ela é naturalista evolucionista? Criacionista? Identifica a teleologia na História? Considera os fatos históricos como frutos do acaso? Enxerga um ser sobrenatural que controla tudo, inclusive os eventos históricos? Este é o olhar que vai reger toda a interpretação advinda da análise do artefato.

A Bíblia relata a história de Noé e informa o acontecimento do dilúvio como um evento global, e por isso a necessidade da construção de uma grande arca para preservar as espécies de animais e sua própria família (esposa, filhos e noras). Com o baixar das águas, repovoariam a Terra.

[9] Concordamos com a definição de James Sire (2012), segundo o qual cosmovisão é “um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma estória ou num conjunto de pressuposições […] que sustentamos […] sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento no qual vivemos, nos movemos e existimos”.

Atualmente, muitos são os relatos acerca de uma catástrofe que acabou com a humanidade, salvando apenas um casal, por conta da corrupção do homem. Há diferentes narrativas de diversos povos (de locais e épocas distintas) sobre o dilúvio que nos informam da corrupção humana e da consequente destruição da Terra por uma divindade, submergindo nas águas tudo o que existe: a própria história bíblica de Noé (capítulos 6 a 9 de Gênesis), a Epopeia de Gilgamesh (Mesopotâmia), o casal Deucalião e Pirra (Grécia Antiga), Irin-Magé (relato tupinambá da França Antártica) e a inundação descrita no Popul Vuh (livro sagrado dos maias).

Neil MacGregor (2013), diretor do British Museum por anos, traz o dilema do momento em que a Tabuleta do Dilúvio foi decifrada (na década de 1870). Tratava-se de um dos capítulos da Epopeia de Gilgamesh, um poema épico da Mesopotâmia datado do século VII, aproximadamente. Dado ao conhecimento da tabuinha de argila, o professor David Damrosch, da Universidade de Columbia, teceu seu comentário:

> [...] já se dizia que a tabuleta poderia ser interpretada de duas maneiras bem diferentes: isso prova que a Bíblia é verdade ou mostra que é tudo lenda? E a descoberta de Smith [George Smith] deu mais munição para os dois lados do debate sobre a veracidade do relato bíblico e sobre Darwin, evolução e geologia.

Assim, a interpretação desta descoberta passou indubitavelmente pela cosmovisão do pesquisador: se ele compreende a Bíblia como as Escrituras Sagradas e fonte de toda verdade, sua compreensão é a de que todas as demais narrativas sobre o dilúvio reforçam o relato bíblico, demonstrando sua abrangência e veracidade. Por outro lado, ao tratar da Bíblia tão somente como uma literatura fantasiosa e mitológica, o ponto aqui a ser defendido é o de que esta história foi acrescida na Bíblia posteriormente, dado que o relato mesopotâmico seria anterior ao registro bíblico do dilúvio e, portanto, apenas mais uma cópia.

Ainda na temática diluviana, outra questão a ser apresentada diz respeito aos fósseis e às camadas geológicas, ou seja, à Estratigrafia. A Estratigrafia é fundamental no estudo da Geologia, pois, de acordo com os pesquisadores evolucionistas, a profundidade de cada camada designa uma era, um determinado período na formação estrutural do nosso planeta dentro da compreensão evolucionista do universo

(LOURENÇO, 2007). Assim, a partir deste entendimento, a datação dos fósseis seria determinada por sua localização nas camadas.

É consenso entre a comunidade científica que a formação de um fóssil exige um rápido soterramento, geralmente ocasionado por lama e areia, para proteger a estrutura do organismo e impedir a sua decomposição, seja o espécime de origem animal ou vegetal. Além disso, este processo depende de outros dois aspectos fundamentais: ambiente com pouco oxigênio e enclausuramento do organismo em sedimentos. Tendo em vista a exigência destes três elementos, parece pouco provável que a morte natural de uma planta ou um animal resultasse no seu processo de fossilização (Lourenço, 2007).

Assim, os princípios da Estratigrafia foram estabelecidos pelo cientista dinamarquês Nicolau Steno no século XVII, que observara que os sedimentos eram depositados horizontalmente nas camadas, às quais se sobrepunham umas às outras. Daí o entendimento de que a camada mais antiga seria a mais profunda e a mais superficial, a mais recente (Instituto de Geociências da USP, 2026).

Entretanto, nunca foram observadas *in loco* todas as camadas geológicas propostas na teoria, e a existência de fósseis poliestratificados, um organismo fossilizado que atravessa duas ou mais camadas diferentes, parece desafiar essa estrutura formativa da Terra. É o caso de troncos de árvores que perpassam diversas camadas ao mesmo tempo. Os naturalistas, de acordo com os fundamentos da Estratigrafia, afirmam que, em determinados casos bem específicos, a formação sedimentar pode se dar rapidamente (diferente dos milhões de anos responsáveis pela formação geológica), não invalidando as bases da Coluna Geológica de Nicolau Steno; já os criacionistas, utilizam os mesmos fósseis para afirmar um dilúvio global, a catástrofe que originou árvores fossilizadas, inclusive com a copa para baixo, atravessando as diferentes camadas geológicas defendidas pelos evolucionistas. Para esse segundo grupo, é o próprio dilúvio a causa existencial tanto dos fósseis quanto das camadas geológicas: o cenário perfeito com a presença de lama e pressão, permitindo a troca de matéria orgânica por mineral, e, consequentemente, a fossilização do organismo (Lourenço, 2007).

Assim, a compreensão diluviana das distintas camadas da Terra acaba por evidenciar um grande cataclisma que alterou a geologia e aponta para uma inundação global, conforme relato na Bíblia.

Considerações Finais

O presente estudo procurou demonstrar a possibilidade do uso de determinadas narrativas bíblicas contribuírem para o ensino introdutório de conceitos arqueológicos quando utilizadas como ferramentas pedagógicas. A análise dos conceitos de artefato, preservação e educação patrimonial evidenciou a existência de elementos narrativos capazes de auxiliar a compreensão desses conceitos por públicos familiarizados com o texto bíblico.

Entretanto, é elementar reconhecer os limites dessa aproximação. As narrativas bíblicas não foram produzidas com a finalidade de explicar conceitos arqueológicos e, portanto, não podem ser tratadas como formulações teóricas da disciplina. No contexto aqui apresentado, a contribuição da Bíblia reside em seu potencial pedagógico e ilustrativo, permitindo que conceitos abstratos sejam apresentados por meio de histórias já conhecidas pelo público.

Além disso, esta pesquisa buscou refletir sobre a importância dos vestígios arqueológicos para a compreensão do texto bíblico em sua integralidade, esclarecendo o seu contexto de produção e, ainda, o poder decisivo da cosmovisão do pesquisador no que tange às pesquisas de temática bíblica: a interpretação será regida de acordo com as bases filosóficas e/ou teológicas do sujeito.

Cabe esclarecer que as discussões aqui empreendidas não consistem em fundamentar a Arqueologia nas Escrituras, nem em substituir a produção científica da área por interpretações do texto bíblico. Mas sim, no reconhecimento de que a Bíblia é um recurso cultural e educacional que pode favorecer processos de mediação do conhecimento, especialmente em contextos de educação patrimonial vinculados à tradição cristã.

Assim, espera-se que este trabalho incentive novas pesquisas sobre metodologias de ensino da Arqueologia e amplie o diálogo entre cultura material, narrativas bíblicas e educação.

FONTES

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

INDICOPLEUSTES, Cosmas. *Topographia Christiana*. Disponível em: https://www.tertullian.org/fathers/index.htm#Cosmas_Indicopleustes. Acesso em: 6 abr. 2024.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Giovanni Reale. Milão: Bompiani, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVNER, U. Ancient cult sites in the Negev and Sinai deserts. *Tel Aviv*, v. 11, n. 2, p. 115-131, 1984. DOI: 10.1179/tav.1984.1984.2.115. Disponível em: https://doi.org/10.1179/tav.1984.1984.2.115.

BECHAR, S. Take a stone and set it up as “Maṣṣēbā”: the tradition of standing stones at Hazor. *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins (1953-)*, v. 134, n. 1, p. 28-45, 2018. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26602398. Acesso em: 6 abr. 2024.

BRATTON, J. S. *The impact of Victorian children's fiction*. London: Routledge, 2015.

BUGIULESCU, M. *The parables of Jesus Christ: education, symbol and reality*. In: INTERNATIONAL MULTIDISCIPLINARY SCIENTIFIC CONFERENCE ON THE DIALOGUE BETWEEN SCIENCES & ARTS, RELIGION & EDUCATION, 6., 2022. *Proceedings...* [S. l.]: Ideas Forum International Academic and Scientific Association, 2022. p. 69-74. DOI: 10.26520/mcdsare.2022.6.69-74.

CARVALHO DE, Q.; COSTA, S. O cosmos bíblico e sua representação no esquema do tabernáculo. *Caminhando*, v. 24, n. 2, p. 113-123, jul./dez. 2019.

CHESTERTON, G. K. *O homem eterno*. Tradução de Francisco Nunes. Jandira: Principis, 2020.

CHIAROTTI, T. M. O patrimônio histórico edificado como um artefato arqueológico: uma fonte alternativa de informações. *Habitus*, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 301-319, jul./dez. 2005.

D'AMBRÓSIO, U. *Educação matemática: da teoria à prática*. São Paulo: Papirus, 1996.

DA SILVA, R. P.; XAVIER, J. S. Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork do Centro Universitário Adventista de São Paulo: os caminhos do diálogo com a comunidade. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 4, n. 7, p. 298-312, 2012. DOI: 10.15210/rmr.v4i7.9500. Disponível em: https://doi.org/10.15210/rmr.v4i7.9500. Acesso em: 30 jul. 2026.

EVINO. *Fermentação do Vinho: Etapas, Leveduras e Segredos.* Disponível em: https://www.evino.com.br/blog/fermentacao-vinho/?srsltid=AfmBOoqtkYe_onfzmCXwMu9uS4wSfPvz3KQRiCQx5DOB9jU8Hp8lzRxK. Acesso em: 26 ago. 2026.

EVOLUÇÃO CRIACIONISTA. *Vinho novo em odre velho, mas o que é odre?* Disponível em: https://evolucaocriacionista.com.br/odre_velho/. Acesso em: 25 ago. 2026.

FISHER, D. S. *Memories of the Ark: texts, objects, and the construction of the Biblical past*. 2018. Tese (Doutorado) – University of California, Berkeley, Berkeley, 2018. Disponível em: https://escholarship.org/uc/item/6k93c4k2. Acesso em: 30 jul. 2026.

FUNARI, P. P. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ARQUEOLOGIA (IBArq). *O Instituto*. Disponível em: https://www.ibarq.org.br/. Acesso em: 6 abr. 2024.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA USP. *Estratigrafia e tempo geológico.* Disponível em: https://didatico.igc.usp.br/estratigrafia-e-tempo-geologico/. Acesso em: 26 ago. 2026.

LOURENÇO, Adauto. *Como tudo começou*. São José dos Campos: Fiel, 2007.

MACGREGOR, Neil. *A história do mundo em 100 objetos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

NASCIMENTO, M. L. *Ensinar as memórias: exegese histórico-social de Deuteronômio 6,20-25*. 2012. Dissertação (Mestrado) – São Bernardo do Campo, 2012.

NETTO, C. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 3, p. 123-133, 2008. DOI: 10.1590/S0100-19652008000300001. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0100-19652008000300001.

NICHOLS, G. *Sedimentology and stratigraphy*. 2. ed. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009.

ODRE. In: AULETE Caldas Digital. Lexikon, 2007. Disponível em: https://www.aulete.com.br/odre#google_vignette. Acesso em: 24 ago. 2026.

OLIVEIRA, R. L. de. Experiências de utilização de artefatos históricos em atividades de ensino. *Boletim Cearense de Educação e História da Matemática*, v. 4, n. 11, p. 71-80, 2017.

PHILIPS, F. C. Greek myths and the uses of myths. *The Classical Journal*, v. 74, n. 2, p. 155-166, 1978. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3296798. Acesso em: 29 jul. 2026.

PRICE, R.; HOUSE, H. W. *Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

RABARDEL, P. *Les hommes et les technologies: approche cognitive des instruments contemporains*. Paris: Armand Colin, 1995.

RELIGIOUS STUDIES CENTER. *Jesus and the Ossuaries: First-Century Jewish Burial Practices and the Lost Tomb of Jesus.* Disponível em: https://rsc.byu.edu/behold-lamb-god/jesus-ossuaries-first-century-jewish-burial-practices-lost-tomb-jesus. Acesso em 29 ago. 2026.

SILVA, Rodrigo. *Arqueologia da fé: evidências do mundo bíblico*. [S. l.: s. n.], [s. d.]. E-book.

SIRE, James. *Dando nome ao elefante: cosmovisão como um conceito.* Brasília: Monergismo, 2012.

STOBIECKA, M. *Theorizing archaeological museum studies: from artefact to exhibit*. Abingdon: Taylor & Francis, 2023.